



Telejornalismo: análise semiótica de atletas em destaque¹

Amanda da Silva TEIXEIRA²

Maurício Elias ZOUEIN³

Universidade Federal de Roraima, UFRR

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar semioticamente a cultura de atletas roraimenses que se destacaram no esporte local e conseqüentemente alcançaram lugares em times de outros Estados e até mesmo venceram campeonatos no exterior. A pesquisa volta-se também a estudar o efeito que o testemunho de vida do jogador de futebol, Thiago Maia de apenas 15 anos, causou nos demais atletas que ficaram em Roraima e que sonhavam também em jogar fora do Estado, por exemplo, conseguir uma vaga nos times paulistas.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica da cultura; futebol; esporte; atletas.

Atleta roraimense em destaque no Brasil

Verifica-se nesta pesquisa o que é semiótica, como ela surgiu, conceitos e como pode ser aplicada em culturas diversas, por exemplo, em uma cultura de jogadores de futebol de um time paulista.

Semiótica da Cultura surgiu nos anos 60, na Escola de Semiótica de Tartu, em Moscou, pelo professor de literatura Iúri Lotman⁴, sendo caracterizada como uma sociedade, uma civilização ou como uma mentalidade, encaixando no mundo esportivo cada instrumento e artefato em uma cultura. Seja ela social, material ou mental, sonhos e desejos que foram realizados na vida do atleta Thiago Maia, um adolescente que inicia a carreira profissional nos campos paulistas, encaixam-se como cultura mental; já artefatos utilizados pelo jogador, como a chuteira ou a bola enquadram-se como cultura material.

¹ Artigo apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Junior – XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: teixeira.jornalismo@hotmail.com

³ Orientador. Professor efetivo do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenador no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS/UFRR). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Cultura e Tecnologia (LCT/NUPS/UFRR). E-mail: mauriciozouein@gmail.com

⁴ Fundador da Escola de Moscou-Tartu de semiótica cultural.



Neste contexto semioticamente se analisa Jogadores que se dedicam desde novos a vencerem desafios físicos, psicológicos e financeiros para jogarem em clubes de futebol que tenham história e fama por todo o Brasil.

História da Semiótica

Por que cadeira possui o nome de cadeira e não mesa? Nomeação, signos, significação, coisa e significante são elementos que compõem a Semiótica.

Platão (427-347) afirma que a teoria dos signos é triádica, pois se divide nos seguintes elementos: em nome, noção ou idéia e em a coisa.

Em resposta do questionamento que inicia este texto o nome não tem propriamente uma relação com o objeto que ele representa, por exemplo, a grafia de um nome não expressa o que a pessoa ou o objeto, cadeira, é em sua totalidade. A idéia não é apenas aquele pensamento que está inculcado na mente humana, mas ela representa uma relação além do raciocínio lógico ou também são cópias imperfeitas do mundo das idéias. A coisa são os objetos aos quais os signos se referem.

Signos verbais, naturais, assim como convencionais são só representações incompletas da verdadeira natureza das coisas. O estudo das palavras não revela nada sobre a verdadeira natureza das coisas porque a esfera das idéias é independente das representações na forma de palavras (NOTH, 2003, p. 28).

Segundo Winfried Noth a origem da palavra semiótica vem do grego Semeîon, que significa Signo, e Sêmea, que representa sinal. Semiótica é a ciência mais geral dos signos e semiologia é o estudo específico à teoria dos signos humanos, culturais e especialmente textuais. A definição de semiótica difere entre determinados autores, para a Escola de Greimas semiótica é uma teoria da significação. “Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos ou semiose na natureza e na cultura” (NOTH, 2003, p. 47).

Aristóteles (384-322) também definiu o signo como triádico, usando uma relação de implicação: sendo que, a mulher é signo de ser humano, ou seja, mulher nomeia alguém ou o signo poderia nomear um objeto também. Para Aristóteles o signo era uma premissa que conduzia a uma conclusão.

Significante, significação e objeto são elementos da teoria dos Estóicos (300 a.c - 200 d.c) O significante é o material designado, o significado é o valor imaterial e a significação expressa a norma em que o objeto ou o significante está inserido, já o objeto é a coisa, está



por sua vez dependendo do contexto onde está inserido pode ter a nomeação modificada, mas isso não muda a estrutura do objeto.

Os Epicuristas (300 a.c) desenvolvem um modelo diádico do signo, onde existe o significante e o objeto referido. Ele trabalha em um processo cognitivo, revelando que as coisas vão ao encontro do receptor.

Aurélio Agostinho (354-430) descreve o signo como um fato perceptivo que representa alguma coisa: “O signo é, portanto, uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência de si mesmo” (2003, p. 32). Os signos naturais são aqueles que são produzidos sem a intenção de serem usados como signos e os convencionais fazem relação aos sentimentos quando são expressos.

Naturais são os que involuntariamente significam, assim como o fumo é sinal de fogo, a pegada sinal do lobo; convencionais os que foram instituídos pelo homem com o fim preciso de representar, e destes, os mais importantes são as palavras. O signo convencional são os signos que mutuamente trocam entre si os viventes para manifestar na medida do possível, as moções da alma, como as sensações e os pensamentos (Fidalgo António, 2005, p. 33).

João de São Tomás considerou o signo no campo da lógica, afirmando que todos os instrumentos que o ser humano usa para cognição e para falar são signos. O que define o signo com instrumentos ou um meio que pode mediar funções.

No século XVII e XVIII⁵ a semiótica teve seu desenvolvimento meio ao racionalismo, empirismo e ao iluminismo com pensadores como Hobbes (1588-1679), Berkeley (1685- 1753), Vico (1668-1774), Condilac (1715-1780), Diderot (1713-1784) e John Locke (1632-1704), o qual marcou a história com o primeiro trabalho dos signos, intitulado por Semeiotiké. Locke descreve os signos, analisando ideias e palavras.

Já a semiótica do século XIX começa na idade do romantismo, período centrado em símbolos e imagens. Hegel (1770-1831), por exemplo, definiu distinções entre signos e símbolos. Ele acredita que o signo representa um conteúdo diferente daquele que tem em si mesmo.

A semiótica de origem americana é designada como a filosofia da linguagem, onde se estuda as palavras em significado e significante. Pois uma palavra dentro de um contexto pode significar mais de um significado, carteira pode ser o objeto onde o aluno usa para sentar-se ou em um contexto diferente pode ser o objeto usado para guardar documentos.

⁵ Texto retirado de Winfried Noth, Panorama da Semiótica, 2003.



Um dos precursores dos estudos semióticos é Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo e lógico americano que apresenta a semiótica de forma triádica, o que admite o representante, o objeto e o interpretante.

O representante ou signo é a bagagem cultural, o conhecimento prévio, ou seja, tudo aquilo que representa alguma coisa para alguém. Já o signo na mente representadora é o objeto imediato; o objeto dinâmico é algo que se apresenta fora da mente representadora e o interpretante é a coisa representada de acordo com os elementos signícos.

Semiótica da Cultura

O mecanismo semiótico da cultura surgiu nos anos 60, na Escola de Semiótica de Tartu, em Moscou, a qual foi interpretada pelo professor de literatura Iúri Lotman.

Conforme Roland Posner (1998), a cultura pode ser caracterizada em três níveis: como uma sociedade, uma civilização ou como uma mentalidade. Um conjunto de indivíduos que se organizam em instituições sociais específicas, representa a cultura social. Artefatos produzidos e utilizados pelos membros desta sociedade é a cultura material. E a cultura mental é um sistema de valores e ideias, um conjunto de mentefactos que controla estas instituições sociais e determina as funções e significados destes artefatos.

Estas considerações levam à conclusão de que cada um dos três níveis de cultura tem um status semiótico bem definido: a sociedade é definida como (um conjunto) de usuários de signos, a civilização como (um conjunto) de signos, e a mentalidade como (um conjunto) de códigos (Rector Mônica, 1998, p. 38).

A cultura mental são conjuntos e códigos aplicados por determinada sociedade, que é determinada por esferas semióticas, rodeadas por algumas esferas, por exemplo, a esfera da extra cultura, cultura periférica, cultura central ou da não-cultural.

A extra cultural é quando algo é desconhecido dos membros de uma sociedade, a não-cultural é quando algo é conhecido dos membros da sociedade, mas é ao mesmo tempo considerado como algo contrário da sua própria cultura, o culturalmente periférico é algo que faz parte da sociedade, mas não como algo importante ou central, já o culturalmente central é quando algo é definido para identificar sua própria identidade.

Mas dentre estas esferas e status semióticos pode ocorrer a semiotização e a dessemiotização. Na sociedade há códigos que estruturam domínios em uma cultura e há aqueles que existem apenas como caracterização.



Por exemplo, em cada região ou especificamente, Estados, há ícones ou signos que representam aquela determinada sociedade. Estes signos conforme o passar dos anos pode permanecer representando a sociedade ou pode também perder sua importância.

Assim a semiotização pode levar à centralização do culturalmente periférico, isso ocorre quando algo ou alguma coisa começa a ser usado com frequência, a ser lembrado e a ser mais observado conseqüentemente. Isso exige uma padronização, tornando os artefatos centrais em uma sociedade.

Da mesma forma um código pode ser levado à sua marginalização, quando ele não é mais lembrado com tanta ênfase e assim começa a desaparecer da sociedade, tornando-se uma cultura periférica.

A formação de um código, sua incorporação nas esferas culturais, sua centralização e sua eventual reposição por códigos alternativos recentemente desenvolvidos, que são menos semiotizados e mais flexíveis: este é um processo cíclico, que chega a um fim somente quando uma cultura cessa de existir (POSNER, Roland, 1998, p. 46).

A cultura guarda formas e experiências que são repassadas de geração em geração, que armazenam informações, agindo como a memória do indivíduo, pois ela age como um mecanismo para armazenar informações que podem até mesmo serem aperfeiçoadas pelos antecessores de cada ser.

Análise do objeto

A Escola Semiótica da Cultura, a qual surgiu nos anos 60, em Moscou caracteriza a cultura em três níveis: como uma sociedade, uma civilização ou como uma mentalidade. O título da matéria “Perfil/Thiago Maia” remete a uma cultura social de atletas que se destacaram no futebol e foram selecionados a jogar em times reconhecidos fora do Estado.

Semiosfera 1 - Cultura Social: Jogadores

de futebol do Santos



Na cultura material de Thiago Maia a bola, o uniforme, a chuteira, as medalhas, a torcida e o campo de futebol representam a cultura central, pois estes artefatos são utilizados pelos membros deste grupo, o que também os identificam.

Semiosfera 2 – Cultura Material: jogador

de futebol do santos



A cultura mental representa o desejo realizado do jogador: na matéria os sonhos de Thiago que foram alcançados, o qual era jogar em times reconhecidos, é a cultura central, assim com as conquistas e reconhecimentos do atleta.

Semiosfera 3 – Cultura Mental: Jogadores

De futebol do Santos



O lead segundo Mário Erbolato: “Qualquer notícia deve responder a seis perguntas clássicas: Quem? Quê? Quando? Onde? Por quê? Como?” (ERBOLATO, 2004, p. 65). Na matéria “Perfil/Thiago Maia” o lead responde três destas perguntas, o quem, que e quando, já que inicia falando sobre o atleta, o nome, a idade, a cidade onde ele nasceu, que é a mesma onde é transmitido o programa e fala que ele é um destaque atual.

O repórter usa no lead da matéria palavras para chamar a atenção do telespectador, quando ele fala que o jovem tem apenas 15 anos e já é uma revelação do futebol roraimense dos últimos anos. No decorrer da reportagem ele exalta o atleta dizendo que o jogador deixou o time do extremo norte para jogar no futebol paulista, citando também a exibição do atleta na revista que teve como capa um jogador de futebol que vem se destacando e tornou-se idolatrado nos últimos anos.

Continuando a matéria o repórter usa signos que retratem a perseverança do atleta. Por exemplo, citando que ele tentou ser selecionado mais de uma vez nos times fora do Estado. A matéria termina com um recado de fé e luta para aqueles que pretendem jogar em outro Estado, pois entra o jogador dizendo que aquele que desejar esse sonho deve lutar e assim alcançará.

O final da matéria remete o telespectador a ter orgulho do Estado onde reside, pois o repórter enfatiza que o atleta é roraimense. O qual se destacou no esporte local, foi selecionado a jogar em times de grande porte e de outra região e ainda jogou no Exterior,



fazendo o time ganhar o 3º lugar em uma copa internacional. Isso remete a cultura mental dos outros jovens que treinam futebol no estado, a terem esperança de alcançar o mesmo lugar que Thiago Maia, ou seja, o destaque no esporte nacional e internacional.

A matéria é exibida no Globo Esporte (GE), um programa de editoria especificamente voltado para o esporte, com duração de 7 a 10 minutos, este tempo depende do acordo feito entre o GE e o programa jornalístico Amazônia Tv, o qual trabalha em parceria com o GE e é exibido antes dele.

O Globo Esporte é apresentado pela jornalista Lidiane Oliveira, de segunda-feira a sábado, de 12:50h a 13:00h, é um programa da Tv Roraima, filiada à Rede Globo que exhibe matérias de Roraima, englobando também outros Estados da região Norte.

Em uma quarta-feira, dia 13 de Fevereiro de 2013 a matéria “Perfil / Thiago Maia” foi exibida como 2ª matéria; que só não foi a primeira matéria porque a primeira a ser chamada se tratava de um factual, onde anunciava que atletas de MMA estariam viajando no próximo final de semana para participar de um torneio importante da categoria. Porém mesmo assim “Perfil\Thiago Maia” ocupou um espaço de 2 minutos e 25 segundos de uma programação de 7 minutos e 30 segundos, o total da programação transmitida naquele dia.

Sendo que o programa teve o total de apenas 2 matérias, 1 nota seca e uma nota coberta, destacando-se que na chamada do programa e no encerramento gastou-se 51 segundos, ficando para o resto da programação, sem incluir a reportagem do jogador, 4 minutos e 54 segundos.

A imagem transmitida pela reportagem mostra o atleta Thiago Maia no campo de um Estádio de futebol Roraimense, o que remete ao mundo em que o jogador vive, os campos de futebol. Mostra as medalhas conquistadas pelo jogador, a revista onde o atleta ganhou duas páginas, o que comprova aquele que está assistindo que o jogador está sendo reconhecido no mundo do futebol. Mostra também os pais, o treinador e amigos de Thiago.

Devido o jovem atleta, Thiago Maia, analisado nesta pesquisa ter se destacado no futebol roraimense, recebido convites para jogar em clubes paulistas e cariocas e assim, em resultado de muitos treinos e esforços pessoais ter conseguido uma vaga no time do Santos e também vencido um campeonato internacional, logo em seguida, o esporte roraimense o consagrou como destaque entre os atletas de futebol.

Desta forma a história de vida do atleta ao ser transmitida por uma emissora televisiva ganhou mais repercussão ainda, tornando-o mais conhecido no esporte e servindo assim como exemplo para muitos adolescentes que ingressaram no esporte com o sonho de se destacarem e chegarem a jogar em times de outros Estados brasileiros ou até mesmo do exterior.



REFERÊNCIAS

DUARTE, J.; BARROS, A (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, São Paulo: Atlas, 2005.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**, São Paulo: Ática, 2004.

FIDALGO, António.; GRADIM, Anabela. **Manual de Semiótica**. Portugal: UBI, 2005.

LOTMAN, Iúri. Tradução de Fernanda Mourão. **Por uma teoria semiótica da cultura**, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

NÖTH, Winfred. **Panorama da Semiótica. De Platão a Peirce**. 4ª ed. São Paulo: Annablume, 2003.

POSNER, Roland. O Mecanismo Semiótico da Cultura. In: RECTOR, Mônica. NEIVA, Eduardo. (Orgs.). **Comunicação na era pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.